

# A Educação Física na EJA e a corrida de orientação: uma prática da natureza no meio urbano

**Jacqueline Cristina Jesus Marins**

A experiência aqui narrada é fruto do trabalho realizado durante o segundo semestre de 2018 no Cieja Aluna Jéssica Nunes Hercula-no. A escola é um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos e recebe estudantes a partir de quinze anos de idade. Uma das características da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a pluralidade dos sujeitos atendidos. A escola é composta por jovens que ainda não entraram no mercado de trabalho, pessoas com deficiência, aposentados, mulheres que têm como ocupação o trabalho doméstico não remunerado, trabalhadores, pessoas em liberdade assistida, enfim, a escola é composta por sujeitos que possuem diferentes histórias e percursos de vida, se aproximando muitas vezes na relação abalada que tiveram com as escolas em outros momentos de suas vidas.

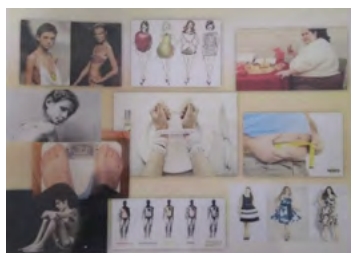
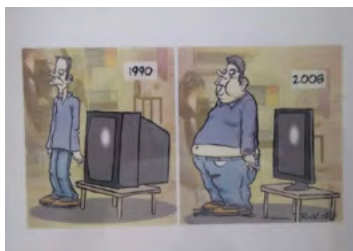
Participaram desse trabalho as turmas dos módulos I, II e III, que correspondem às etapas de Alfabetização, Básica e a Complementar. As aulas de Educação Física acontecem uma vez por semana e, por questões de espaço físico, as vivências acontecem na rua em frente à escola, que está instalada em uma casa.

Para explicar como chegamos a prática corporal corrida de orientação, é preciso relatar um pouco do trabalho coletivo da escola. Na tentativa de superarmos práticas pedagógicas descontextualizadas e que não dialogam com os interesses dos estudantes, assim como não reproduzir atividades que se aproximam das realizadas na educação de crianças e adolescentes nas escolas regulares, durante os horários coletivos, estudamos diferentes trabalhos realizados em outras escolas de EJA. A partir daí, passamos a planejar uma ação coletiva para tentar descobrir o que provocaria os interesses dos estudantes, como faríamos para escolher temas relevantes que engajassem os estudantes no percurso de estudo.

Esse processo ocorreu durante as reuniões de formação do final do primeiro semestre para já iniciarmos a tematização no segundo semestre letivo. Dessa forma, os professores tiveram tempo para elaborar materiais e planejar as ações didáticas.

Após algumas semanas de estudos, pesquisas e discussões, chegamos a um formato de atividade disparadora para conhecer os interesses dos estudantes. Cada uma das áreas (alfabetização, ciências humanas, linguagens e códigos, ciências da natureza e matemática) selecionou duas imagens que consideraram ter relação com algum

tema atual ou com alguma questão social e que pudessem gerar diferentes interpretações. A ideia era que essas imagens provocassem nos estudantes alguns sentimentos, ideias e dúvidas.



Algumas das imagens utilizadas na atividade de conhecimento dos interesses dos estudantes.

No dia marcado para a vivência com as imagens, frases que aguçavam a curiosidade foram coladas nas paredes da escola com a intenção de despertar o interesse dos estudantes, as imagens ficaram expostas por toda a escola e algumas músicas que tinham letras que convidavam à reflexão sobre a atividade foram ouvidas durante a experiência.

Passada essa primeira ação, cada estudante escolheu a imagem que mais lhe tocou e se dirigiu à sala para o debate impulsionado pelas provocações: “diga três ideias que você relaciona à imagem que você escolheu” e “que sentimentos a imagem te passa?”

Após esse processo com os estudantes e de volta a reunião do coletivo de professores, analisamos o que foi produzido e cada área do conhecimento optou por um tema a partir das imagens e das falas recolhidas.

As professoras dos módulos I e II optaram pela escolha de duas imagens que tratavam da mobilidade urbana, pois perceberam que havia uma relação com as histórias de vida dos estudantes, além de ser um contexto que envolve todos da turma, independente da faixa etária.

A partir da escolha feita pelos módulos I e II, o componente curricular educação física<sup>1</sup> tentou organizar o seu trabalho a partir desse mesmo tema – mobilidade urbana. Optamos por realizar a mesma tematização com os estudantes do módulo III por uma questão de organização do componente curricular.

Logo de início, a possibilidade de tematizarmos a bicicleta nos pareceu muito alinhada à proposta, visto que a 500 metros da escola temos uma ciclovia muito utilizada pela população, tínhamos a presença de estudantes e um professor que usam a bicicleta como meio de transporte para ir à escola, além de ser uma temática que vive rodeando os meios de comunicação após o aumento do número de ciclovias construídas na cidade de São Paulo.

A ideia da tematização da bicicleta também havia sido pensada pois em outro momento, quando havíamos feito um levantamento sobre o que os estudantes gostariam de aprender nas aulas de educação física, alguns tinham relatado o “sonho” de aprender a andar de bicicleta, pois não tiveram a oportunidade em outros tempos. Ainda pesava a favor desse tema, a lembrança que tínhamos de uma atividade realizada no ano anterior, no Parque do Ibirapuera, que havia sido avaliada como experiência marcante<sup>2</sup>.

---

1 É importante ressaltar que durante esse processo de escolha das imagens e discussão do que havia sido citada pelos estudantes, a professora de Educação Física não esteve presente em grande parte das reuniões, pois em algumas sextas-feiras – dia em que acontecem as reuniões – ela estava a serviço da Secretaria Municipal de Educação (SME), no processo de escrita do currículo de Educação Física para a EJA do Município de São Paulo, e isso prejudicou a sua atuação no processo.

2 Atividade realizada em 2017, quando alugamos os triciclos para os estudantes experimentarem, pois sabíamos que eles não sabiam andar de bicicleta e visto o pouco tempo disponível que tínhamos no parque não valeria a pena a tentativa de aprendizagens naquelas circunstâncias.

Para a realização desse trabalho seria necessário que tivéssemos algumas bicicletas, mas isso já havia sido resolvido, pois havíamos conseguido quatro bicicletas emprestadas, que poderiam permanecer na escola durante todo o trabalho. Mas, justamente aí, tivemos um problema que não permitiu a realização dessa tematização. Conforme informado, a escola é pequena e não havia lugares seguros para deixar as bicicletas. Após várias tentativas de negociação de espaços, nada foi conseguido e por isso o trabalho foi suprimido antes mesmo de começar.

Posterior a esse momento, não conseguíamos imaginar nenhuma ação de mapeamento ou alguma prática corporal que dialogasse com o tema da mobilidade urbana, até que no dia seguinte, andando pela escola, passamos em frente à sala de computadores onde as professoras dos módulos I e II trabalhavam com os estudantes. Elas estavam vendo os trajetos que cada um deles fazia entre a sua casa e a escola, e para isso estavam usando o aplicativo *Google Maps*<sup>3</sup>. Eles estavam analisando os trajetos a pé, de bicicleta, de carro e de transporte público e verificando a diferença de tempo entre cada um desses meios de transporte. Ao nosso olhar, eles aparentavam interesse na atividade.

Ao observarmos essa aula, nos lembramos de uma corrida que utiliza um mapa para a sua realização. Naquele momento não recordamos do nome, tínhamos a leve impressão que era *trekking*, mas não tínhamos certeza e era melhor pesquisar. No mesmo instante, acreditamos que talvez aquela prática corporal dialogasse com o trabalho das professoras de sala de aula, ou seja a mobilidade urbana, pois trataria de formas de deslocamento, utilizaria a leitura de mapas, enfim, esse instante se apresentou como a solução para o problema que estávamos enfrentando.

Após o fim do período, prosseguimos com as pesquisas sobre a modalidade de corrida que utilizava um mapa e descobrimos o seu nome: corrida de orientação. Bingo! Se o tema é mobilidade, nada melhor do que orientação, deslocamentos precisando saber para onde devemos ir, nos parecia a prática mais condizente a ser estudada. Achamos que tínhamos encontrado o caminho certo.

---

3 Google Maps é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra, gratuito na *web* fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google. Atualmente, o serviço disponibiliza mapas e rotas para qualquer ponto nos Estados Unidos, Canadá, na União Europeia, Austrália e Brasil, entre outros.

A partir daí, traçamos como objetivos do trabalho:

- Experimentar e vivenciar a corrida de orientação;
- Entender as regras e o funcionamento do esporte;
- Conhecer o contexto de origem da criação desse esporte e seus praticantes;
- Reconhecer características e regras que se assemelham e se diferenciam das demais práticas de corrida;
- Organizar estratégias de participação;
- Manusear instrumentos utilizados na corrida de orientação como mapa/carta, bússola e cronômetro.

Com a decisão tomada, chegamos a nossa primeira aula apresentando a proposta do trabalho. Nenhum estudante havia ouvido falar dessa modalidade de corrida. Mas, mesmo assim, se entusiasmaram e acharam legal, afinal haviam acabado de trabalhar com mapas na sala de computadores e estavam achando interessante.

Logo para começar, apresentamos um vídeo com imagens dessa prática corporal. Cenas das pessoas correndo pelas matas com um mapa nas mãos em busca de um “prisma<sup>4</sup>”, na tentativa de chegar primeiro ao local demarcado, chamaram a atenção do grupo.

Levando em consideração as diferenças presentes nas turmas, como pessoas com mobilidade reduzida, usuários de cadeiras de rodas, jovens bem-dispostos e adultos cansados da sua rotina de trabalho, ao invés de estabelecer que venceria quem chegasse primeiro, na nossa atividade venceria quem chegasse no tempo estipulado para cada um, ou ainda pensamos que os desafios poderiam ser apenas em conseguir realizar o percurso completo na ordem correta.

É importante dizer que nós não éramos praticantes da corrida de orientação e pouco conhecíamos sobre essa prática corporal. A partir da opção que tomamos ao assumir esse esporte como prática corporal a ser tematizada, passamos a pesquisar sobre a modalidade.

Além de leituras, pesquisas e assistência de vídeos, utilizamos um recurso das redes sociais: o uso das *hashtags*<sup>5</sup>. Ou seja, em nossos perfis pessoais (Instagram<sup>6</sup>), passamos a seguir as *hashtags*:

---

4 Local onde fica o ponto de controle na corrida de orientação, por ter esse formato é possível vê-lo de qualquer ângulo.

5 A função da *hashtag* (#) é de indexar um tópico ou assunto nas redes sociais com o objetivo de permitir o acesso de todos a uma determinada discussão, já que, ao clicar nas *hashtags*, elas transformam-se em hiperlinks (hiperligação de um texto a outros documentos, resultando em um hipertexto).

6 Rede social de compartilhamentos de imagens e vídeos

#corridadeorientacao; #corridadeorientação; #corridadeorientacão; #corridadeorientação e #orientistas. Também passamos a seguir os perfis de páginas da modalidade e dos seus praticantes. Esse recurso foi muito interessante, pois nos colocou em contato com orientistas, recebíamos informações sobre as provas, as novidades dos materiais, entre outras curiosidades desse esporte.

Como forma de contemplar os estudantes com deficiência, as aulas de Educação Física são pautadas por algumas atividades que os ajudam a reconhecer os momentos das aulas. Sempre iniciamos em círculo, com a apresentação do que seria realizado, com alguns movimentos e ao final sempre retomamos o círculo para finalizar a aula com os alongamentos. Essa rotina se mostrou muito adequada para alguns sujeitos, já para outros se apresenta indiferente, mas temos o entendimento de que se é importante para um dos estudantes, é necessário manter a rotina. Para um dos estudantes, que possui o Transtorno do Espectro Autista, saber o que acontecerá a cada momento o ajuda em relação a sua ansiedade e por esse motivo mantivemos essa prática em nossas aulas.

Iniciamos com a realização de uma volta no quarteirão caminhando. A comanda foi para que se deslocassem no seu próprio ritmo, sem acelerar. Dessa forma, pudemos registrar os tempos que cada pessoa levou para percorrer os 350 metros que compõem a volta. Os estudantes com deficiência foram acompanhados dos estagiários ou dos próprios colegas de turma que possuem o mesmo ritmo de caminhada. Foi interessante perceber que os demais logo se dispuseram a caminhar acompanhando um dos estudantes com deficiência, sem a necessidade de solicitarmos.

De posse dos tempos que cada um fez nessa primeira volta solicitamos que realizassem uma segunda volta nesse mesmo tempo, e em uma terceira volta solicitei que reduzissem alguns segundos de acordo com as condições físicas. Para alguns, uma redução de apenas 10 segundos, outros de 30, de acordo com as individualidades. E a quarta e última volta solicitamos um tempo bem maior para todos. Foi uma atividade bem interessante, pois percebemos que os estudantes queriam fazer tudo o mais rápido que conseguiram, apesar das suas dificuldades, não se atentaram que a proposta era de fazer o trajeto no tempo certo. Retomamos a fala inicial de que não era quem chegasse primeiro, mas quem chegasse no tempo estipulado e, mesmo assim, alguns estudantes não entenderam que não haviam “vencido” porque haviam chegado antes do tempo. Kleber é um estudante de 15 anos, e por possuir melhores condição de locomoção fez a volta correndo, valendo-se da sua condição, brincou

com os colegas comemorando a vitória. Ele demorou a entender que não havia vencido, pois ele chegou bem antes do tempo estipulado, mas achamos que isso aconteceria nas primeiras atividades, pois a lógica dos mais rápidos e mais fortes costuma dominar as práticas corporais. Finalizamos a aula com avaliações positivas e desculpas dos que não conseguiram. Ora disseram que era por causa do problema no joelho, ora por causa do calçado, mas de fato notamos que não havia uma compreensão de tempo. Percebemos que na próxima aula deveríamos abordar isso. Em algumas turmas alguns estudantes usaram os relógios ou os celulares para conseguir realizar a atividade, e ao descobriremos solicitamos que eles fizessem novamente sem o auxílio desses objetos.

Para a segunda aula, a proposta era novamente de realizarmos alguns deslocamentos em determinados tempos, porém, a chuva impossibilitou a realização dessa atividade. O nosso plano B foi realizarmos a aula dentro da sala. Sugerimos uma atividade que também nos ajudava a reconhecer a noção temporal dos estudantes. Sentados em círculo (para facilitar o nosso registro), de olhos fechados deveriam levantar-se quando achassem que havia dado o tempo solicitado. Trabalhamos com os tempos: 20 segundos, 1 minuto, 45 segundos, 1 minuto e 10 segundos, 30 segundos e 1 minuto de 30 segundos. A atividade foi interessante pois percebemos que alguns estudantes não tinham a menor noção da duração do tempo, assim como outros dominavam muito bem e utilizaram alguns recursos como contagem mental ou batidas de pé. Uma das estudantes informou que contou o tempo através do *tic-tac* do relógio de parede que havia na sala. Achamos muito interessante e pensamos em tirar o objeto da sala para as próximas turmas, mas após analisarmos o caso, resolvemos deixar o relógio lá, e nas próximas duas turmas que fizeram a atividade na sala, apenas mais três pessoas afirmaram que utilizaram o *tic-tac* como recurso.

Após essas vivências ainda restava um tempo da aula, e com a intenção de continuar um trabalho com os tempos/ritmos apresentamos uma brincadeira com os bastões, chamada escravos de Jó. Trabalharíamos com os tempos e ritmos durante a brincadeira, apenas com a intenção de concluir a aula.

A brincadeira ganhou em intensidade. Rimos, nos divertimos, tentamos diversas vezes e não conseguimos realizar uma rodada completa. Alguns estudantes disseram que a culpa era do espaço, pois estava muito apertado. Propusemos que na nossa próxima aula na rua retomássemos a brincadeira para ver se o “problema” era o espaço mesmo e o grupo topou.

Na aula seguinte o dia estava ensolarado e retomamos a brincadeira. De fato, um espaço maior possibilitou a realização completa da atividade, que foi seguida de muitas comemorações. Levamos quase a aula inteira para conseguir realizar um ciclo completo da brincadeira, mas valeu a pena pois as fisionomias dos estudantes compensaram a interrupção do estudo da corrida de orientação. Um recurso utilizado com os estudantes com deficiência, estava em deixá-los com estudantes sem deficiência, pois os ajudariam durante a realização da brincadeira.

Planejando as próximas atividades sobre a corrida de orientação, andamos pelo bairro na tentativa de identificar e fotografar pontos que serviriam para a nossa ação didática de leitura de mapas. Enquanto realizávamos esse mapeamento, uma moradora estranhou o fato de estarmos fotografando e anotando coisas em nosso caderno. Ela questionou o que estávamos fazendo e explicamos que éramos do Cieja e que estávamos planejando uma atividade didática. Ao saber que éramos do Cieja, ela fez algumas falas muito preconceituosas a respeito dos estudantes da escola. Disse que era uma escola que recebia bandidos – se referindo aos estudantes em liberdade assistida – e que a presença da escola no bairro era ruim. Essa conversa nos deixou um pouco desanimados, afinal ela externou as suas opiniões preconceituosas e nós acabamos não fazendo nada.

Registramos alguns locais que poderiam servir de guia para a orientação na atividade de leitura de mapas, que ainda não seria na próxima aula, mas que requeria de preparação pois envolvia impressões e cópias para os estudantes.

Ao conhecermos mais sobre a corrida de orientação, vimos que mais do que a noção temporal, como havíamos previsto anteriormente, os orientistas trabalham com a contagem dos passos ou as passadas duplas. Tendo isso em vista, na aula seguinte, a atividade proposta foi uma caminhada pelo quarteirão contabilizando o número de passadas que cada aluno deu durante o trajeto. Para a realização dessa atividade, apresentamos o conceito de passada dupla utilizada na corrida de orientação, ou seja, a marcação é feita sempre na mesma perna.

Para ajudar, os estudantes, utilizaram um contador, que era necessário ser acionado manualmente a cada vez que a perna direita tocava o chão. Apesar de não ser um equipamento utilizado na corrida de orientação, ele nos ajudou nas aulas, pois alguns tinham dificuldades para contar mentalmente o número de passadas, já que chegavam à casa das centenas.





Contador utilizado durante as aulas e estudante contando os passos durante a volta no quarteirão

Durante essa aula, os estudantes realizaram a atividade mais de uma vez, na tentativa de comprovar se haviam feito a contagem da forma correta. Em alguns casos foram feitas duas voltas, outras, três, e, em poucos casos, quatro, com a intenção de tirar a “prova”. Registramos o número de passadas em um papel para que na aula seguinte utilizássemos esses números para o cálculo das distâncias. Os dados também foram anotados no nosso caderno de registros.

Os estudantes com deficiência gostavam muito de utilizar os contadores, mas nem sempre marcavam os passos da forma correta. Para isso, se a pessoa que o acompanhasse fosse um professor ou um estagiário<sup>7</sup>, ele registraria a passada do estudante. Caso quem o acompanhasse fosse outro estudante, ele registraria o mesmo número de passadas para os dois.

Nas duas turmas de módulos III dos períodos da tarde, ingressaram duas estudantes usuárias de cadeiras de rodas. Para a aferição das medidas para essas estudantes, fizemos algumas marcas na roda da cadeira e a cada vez que a marca passava em um determinado ponto, acionava o contador. Dessa forma, a cada volta completa da roda da cadeira equivalia a um passo. A princípio foi uma boa adaptação para ajudar a participação de todos, porém após algumas voltas percebemos que as estudantes estavam incomodadas com a atividade.

---

7 A escola recebe um número muito grande de estagiário de diferentes cursos de licenciaturas devido a sua proximidade da USP, por isso temos muitos estagiários em nossas aulas, e sempre que eles estão nos acompanhando solicitamos a sua ajuda.

Reconhecendo que o asfalto e as calçadas não são exemplos de acessibilidade, notamos que as estudantes estavam desconfortáveis. A trepidação da cadeira durante o percurso, as dificuldades de subir e descer das calçadas, tudo isso estava tornando as aulas ruins para elas. Na sua opinião, a qualidade de suas cadeiras também não era das melhores, pois não amorteciam os impactos.

Diante dessa situação, conversamos com os demais estudantes, explicando o que estava acontecendo. Salientamos que havíamos decidido pela corrida de orientação antes da entrada das colegas, mas que diante dos acontecimentos estávamos pensando na possibilidade de interrompermos a tematização e passarmos para outra que, que acolhesse melhor todos os estudantes da turma. Todos os estudantes aprovaram a mudança de planos, pois entendem que as aulas devem ser agradáveis para todos, e a partir daí passamos a estudar outra prática corporal com essas duas turmas<sup>8</sup>.

Continuando os estudos da corrida de orientação nas demais turmas, a próxima ação didática debruçou-se sobre a medida da passada dupla de cada estudante. A passada dupla contribui na contagem e percepção de distância, e consiste na quantidade de vezes que o orientista toca com a perna direita no solo durante a distância determinada. No teste visto no vídeo<sup>9</sup>, a distância indicada era de 100 metros, mas como a rua em frente à escola possui apenas 50 metros, fizemos a adaptação. Além dessa contagem da passada dupla como visto no vídeo, que resulta na quantidade de passos em uma distância, fizemos outra medida do passo duplo, com a fita métrica no chão. Dessa forma, obteríamos a distância da passada dupla, e ao multiplicar pelo número de passos dados, daria a distância percorrida.

Para a obtenção desse número é necessário fazer uma conta com soma e depois uma divisão, e nem todos os estudantes dominam esses cálculos, por isso, nesse dia, utilizamos todo o período da aula<sup>10</sup>, mas já havíamos combinado com as professoras das turmas. Após todos realizarem as suas anotações, fomos para a sala fazer os cálculos com o auxílio da calculadora, material que nem todos dominavam e por isso gerou muitas dificuldades. Além de

---

8 O relato sobre o trabalho realizado está disponível em [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/jac-que\\_17.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/jac-que_17.pdf)

9 O vídeo utilizado está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kBJHRx3NqZg>

10 A duração do período no Cieja é de três horas/aulas por dia, o que equivale a duas e horas e quarenta e cinco minutos de aula.

nós, as professoras das turmas auxiliaram os estudantes que necessitaram de ajuda mais individualizada, o que deixou a aula tumultuada, pois éramos chamados a todo momento.

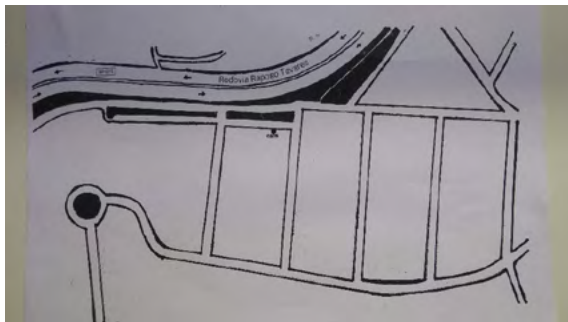
A partir dos resultados obtidos, conferimos se os números registrados na atividade de contar as passadas no quarteirão estavam corretos. Alguns estudantes chegaram aos números exatos da metragem, e muitos outros se aproximaram bastante da distância correta.



Medindo a passada dupla.

Para podermos iniciar uma vivência da corrida / caminhada de orientação, era preciso dominar o uso do mapa (chamada de carta), e ao conversar com as professoras da sala percebemos que não havia sido fácil para a maioria dos estudantes ler os mapas na atividade realizada por elas no *Google Maps*.

Com intenção de ajudar os estudantes a interpretar esse instrumento e dando sequência às vivências de orientação, realizamos uma atividade de identificação de lugares que existem no entorno da escola no mapa. De posse do mapa das ruas do bairro (sem identificá-las), eles deveriam andar e marcar no mapa os pontos mostrados através das fotos no início da aula. Foram mostradas fotos de árvores, faixas de pedestres, muros, plantas, comércios que estão espalhados pelo bairro.



Mapa com as ruas do entorno da escola.



Alguns exemplos de pontos que eles deveriam marcar a localização no mapa.

Durante a nossa caminhada pelo bairro notamos que a vizinhança ficava preocupada com a presença de um grupo de pessoas andando pelas ruas, de olho em tudo e anotando coisas no papel. Percebemos gente olhando pelas janelas sem querer mostrar que estavam nos “vigiando”, tivemos pessoas que saíram e colocaram a “cara para fora” para ver o que estava acontecendo, e sempre que isso aconteceu a professora foi informar sobre a atividade que ela estava realizando, mostrava o mapa que estava nas mãos dos estudantes, para que eles se certificassem de que era uma atividade escolar. Nenhum estudante comentou sobre o episódio, mas nós ficamos extremamente chateados com esses acontecimentos. Entendemos que a questão da violência faz com que as pessoas fiquem amedrontadas, porém percebemos um viés preconceituoso para com os estudantes do Cieja.

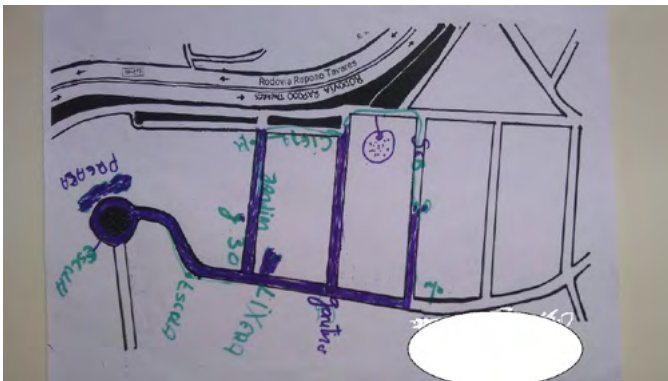
Após a caminhada pelo bairro, retornamos para a sala de aula para colocar no mapa os locais encontrados. Muitos alunos relataram não lembrar de diversos pontos, o que dificultou a tarefa, pois

após reconhecerem esses pontos no quarteirão, eles deveriam assinalar no mapa onde estariam. Grande parte dos estudantes apresentaram dificuldades de localização no mapa, porém o problema mais presente foi a escrita, pois a maior preocupação deles era escrever da forma correta, e isso não permitiu a identificação dos pontos em sua plenitude, pois por muitas vezes os alunos ficavam preocupados em como escrever o nome do objeto encontrado e acabavam colocando em pontos errados, o que acreditamos ser razoável, já que muitos estavam em processo de alfabetização, o que explica a preocupação.



Tendo em vista a dificuldade que a primeira turma encontrou com o registro no mapa, para as demais, colocamos um adesivo de cada cor nas fotos dos locais a serem encontrados, e na hora de registrá-los no mapa, era necessário apenas colocar um outro adesivo da mesma cor no local correspondente no mapa.

Esse novo formato deixou a atividade mais apropriada, pois as preocupações se voltaram a colocar os adesivos correspondentes nos lugares certos e não com a escrita das palavras. Avaliamos positivamente a mudança de estratégia.



Primeira versão da atividade, com as dificuldades de escrita.



Novo formato do registro no mapa.

Enquanto recurso para ajudar os estudantes com deficiência, imprimimos algumas fotos dos locais que precisavam ser encontrados para que levassem consigo durante a caminhada. Notamos que foi uma boa forma de flexibilizar a atividade. De posse das imagens, encontraram quase todos os locais, porém ao tentar colocar isso no mapa, nenhum dele conseguiu. Há de se comunicar que muitas pessoas sem deficiência também não conseguiram realizar essa ação.

Através das redes sociais íamos acompanhando as hashtags e também passamos a postar fotos das nossas atividades com aquelas hashtags. Isso fez com que praticantes da modalidade comesçassem a curtir as nossas publicações e, a partir daí, estabelecemos algumas conversas pelos recursos que a própria rede social oferece com a intenção de convidá-los a ir até a escola conversar com os estudantes e falar um pouco sobre as suas experiências com a corrida de orientação. Os atletas até se mostravam dispostos, mas todos que entramos em contato não eram da cidade de São Paulo. Um dos estagiários que acompanhava as turmas informou que havia uma professora praticante da orientação em sua faculdade, a con-

vidou, porém ela não demonstrou interesse em realizar a atividade conosco.

Em todas as turmas notamos dificuldades em usar os mapas e uma estudante, a Margarida, nos falou que hoje em dia não é necessário utilizarmos os mapas como antes. Ela informou que é só colocar o endereço no celular que o aplicativo vai dizendo o caminho. Um outro estudante – que faz moto-frete - lembrou que antigamente as pessoas usavam guia de ruas (físico) para encontrar os endereços e hoje quase não usam mais.

Dando sequência ao trabalho, antes de sairmos para a realização da nossa prática na aula seguinte, assistimos a mais um vídeo com informações sobre a corrida de orientação. Fizemos uma compilação de alguns vídeos que tratavam da história da modalidade<sup>11</sup>, apresentavam os equipamentos necessários<sup>12</sup>, a forma de registro dos tempos, o objetivo da modalidade<sup>13</sup>, regras, quem são os praticantes e as duas versões existentes, a corrida de orientação no campo no meio urbano<sup>14</sup>.

Diante dos vídeos, avaliamos as diferenças existentes entre a prática no campo e no meio urbano, visto que temos barreiras diferentes em cada um desses locais. Começamos a pensar na possibilidade de fazer uma vivência na mata, quem sabe isso não nos ajudaria a reconhecer as diferenças.

No vídeo, vimos que os tempos são registrados em um equipamento chamado *sicard* que é uma espécie de *pendrive* que registra o tempo em que o atleta passou pelos pontos de controle<sup>15</sup>. Para a realização na escola não tínhamos esse recurso, e como o nosso trabalho não estava levando em consideração quem fazia em menos tempo, mas sim que todos conseguissem cumprir o trajeto, como forma de garantir um registro de que as pessoas passaram pelos “prismas” correspondentes ao seu mapa, utilizamos carimbos com diferentes desenhos – cada dupla ou equipe era representada por

---

11 Alguns trechos desse tema foram retirados desse vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=E1F0hYFHhCQ>

12 Alguns trechos desses temas foram retirados desse vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=E1F0hYFHhCQ>

13 Alguns trechos foram retirados desse vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=816z5DEOGaw>

14 Alguns trechos foram retirados desse vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=nT78U5C7AO8>

15 Locais onde são registrados o tempo em que o atleta passou naquele ponto. O ponto de controle é identificado pelos prismas nas cores laranja e branca e seu formato permite que o orientista o veja de vários ângulos.



um desenho. Os estudantes gostaram da solução do problema e riram quando apresentávamos o nosso “*sicard*”. “Vocês pensam em tudo, né?”, disse um estudante.



Comparação entre o ponto de controle/prisma utilizado na escola e na competição oficial.

Seguimos para a atividade. Foi a primeira aula em que nos aproximamos da corrida de orientação de fato, lembrando que no nosso caso usamos apenas a caminhada. Naquele mesmo mapa da aula anterior, inserimos novos pontos (que agora os estudantes não sabiam quais eram porque não mostramos as fotos) e eles precisam encontrar os pontos usando apenas o mapa como referência. Uma estudante falou que isso se assemelhava a uma caça ao tesouro.

É importante registrar que nesse dia chegamos mais cedo para espalhar os “prismas” pelos locais, e a cada morador com quem tivemos a oportunidade de conversar, explicamos o que aconteceria, por que estávamos colando aqueles “papéis” nos locais – não escolhermos nenhuma casa justamente para não gerar mais desconfianças. Ao final da colocação de todos os “prismas”, ficamos um pouco desconfiados de como a vizinhança iria lidar com os estudantes espalhados pelos espaços do bairro procurando os lugares para carimbar.

Para agilizar a colocação, a professora foi com a própria moto aos lugares mais distantes, e um rapaz que faz rondas de moto pelas ruas do bairro a parou para perguntar o que estava acontecendo, mas antes de indagá-la, foi até o poste onde ela havia colado o “prisma” para verificar o que era.



Organizamos seis percursos diferentes, contemplando os lugares mais distantes e com mais dificuldades em relação ao relevo local para os mais jovens e outros percursos mais próximos com menos barreiras físicas, facilitando para as pessoas com modalidade reduzida.

Como os grupos se espalharam por diferentes locais ao mesmo tempo, solicitamos aos professores que nos ajudassem naquele dia pois havíamos ficado com receio do que poderia acontecer com os estudantes durante a atividade. Em geral, o nosso receio seria com os mais jovens, que já são estereotipados naquele local, se alguém desconfiasse de alguma atitude deles, poderia acontecer fatos desagradáveis.

Como não conseguiríamos registrar toda a atividade, pois as duplas e grupos foram para diferentes espaços ao mesmo tempo, solicitamos aos estudantes que quando encontrassem os “prismas” que fizessem uma *selfie* com eles e depois nos enviassem por *bluetooth*.



As selfies enviadas durante a atividade de orientação no bairro.

Apesar dos nossos receios, a atividade foi muito legal. Aconteceram alguns erros, pois alguns estudantes não sabiam que outras duplas ou grupos também passariam pelos mesmos “prismas” que eles e aí eles carimbaram por cima. Algumas duplas ou grupos não encontraram todos os locais. E apenas em uma turma, um dos prismas foi arrancado por alguém que passou pela rua e fez com que os grupos que procuravam por esse “prisma” fossem prejudicados.

Percebemos que a atividade foi desafiadora, e os estudantes gostam disso. Para que não fossem todos ao mesmo tempo, soltamos os grupos aos poucos, e mesmo assim quando eles se cruzavam eles davam dicas aos demais. Achamos isso bem interessante, pois não era a competição acima de tudo.

Sobre os nossos medos a respeito do comportamento da vizinhança, apenas uma dupla de estudantes mais jovens relatou um episódio em que se sentiram mal, na verdade eles relataram em tom de brincadeira, dizendo que o dono da casa “ficou em choque”, quando os viu, mas percebemos que a fala relatou uma situação em que eles foram colocados em uma condição marginal.

Avaiamos a atividade com os estudantes e eles gostaram bastante, e solicitaram a ampliação dos espaços de realização da atividade para deixá-la mais difícil. Uma estudante disse: *Hoje eu gostei da aula!* Essa fala nos intrigou, será que até agora ela não estava gostando e não teve coragem de falar? Será que não estamos abrindo espaço para o diálogo com os estudantes? Apesar desses elogios, percebemos que a realização da orientação no meio urbano não os fazia contar passos ou tentar calcular as distâncias. Eles usavam as referências urbanas, portão, postes, lixeira e isso deixava a atividade mais fácil.

Com um pouco de medo de ampliar os espaços no bairro por conta das atitudes da vizinhança que já havíamos notado, e na intenção de proporcionar uma experiência mais desafiadora, propomos a realização de uma vivência da orientação no parque próximo a escola.

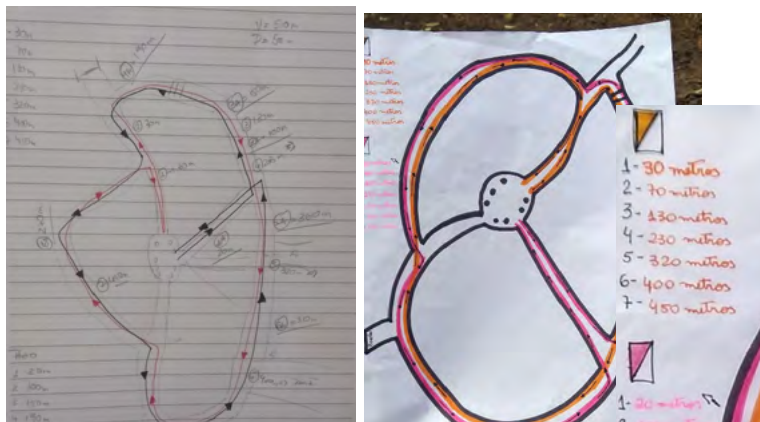
Essa vivência na mata, como uma possibilidade de comparar com o que já havíamos feito nas nossas aulas, pois tínhamos visto que as referências mudam de acordo com o espaço em que atividade é realizada, seria interessante para finalizarmos o trabalho.

Apenas nesse momento chegaram as bússolas que solicitáramos no início do trabalho, o que não nos fez investir muito na sua utilização. Apresentamos para o grupo e os deixamos manuseá-las, mas notamos muitas dificuldades, inclusive entre os professores.

Com as turmas de módulos III do período matutino, que permaneceram no estudo da corrida de orientação, eles já estavam na rodada de Ciências Humanas (História e Geografia), e a professora de Geografia nos ajudou na realização de algumas atividades. Ela se mostrou surpresa pelo fato de a Educação Física estar utilizando mapas, e reconhecia que as dificuldades dos estudantes com o uso dos mapas em nossas aulas eram muito próximas àquelas apresentadas nas aulas dela.

No Parque da Providência, existe uma trilha pequena, com possibilidade de mais de um percurso e acima de tudo, segura. Não havia a possibilidade de perdermos nenhum estudante ou de haver algum acidente mais grave.

Em um fim de semana, fomos ao parque fazer o mapa da trilha, medir, contar os passos, pois nesse espaço gostaríamos que eles utilizassem as referências das passadas que utilizamos nas primeiras aulas. Para isso, nos mapas, a posição dos prismas estava em metros e não na sua localização no mapa.



Mapas da trilha no Parque da Providência e o posicionamento dos prismas na atividade.

No dia dessa vivência, chegamos antes no parque para que pudéssemos colocar todos os pontos de controle nos devidos lugares, antes que os estudantes chegassem. Cada percurso tinha mais ou menos 500 metros e contava com 7 prismas, precisando fazer o registro da sua passagem em cada um deles. Algumas turmas estavam completas, em outras faltaram alguns estudantes, mas isso costuma acontecer quando a aula não é na escola.



Experimentando a corrida de orientação na mata.

A experiência contou com terra, insetos, galhos, temperatura bem úmida dentro da trilha, terreno irregular, sons de pássaros e outras referências para a localização/orientação (troncos, plantas, árvores). O percurso deveria ser calculado com as passadas, pois a distância dos pontos de registros estava em metros, mas percebemos que poucas duplas ou grupos utilizaram dessa estratégia. Muitas pessoas saíram procurando onde estavam os prismas sem olhar para o mapa. A preocupação em concluir tudo em um menor tempo foi maior do que usar os recursos estudados – isso nos ensinou que não devemos colocar a competição quando ela não havia sido trabalhada. Nesse dia, a orientação foi cronometrada. Cada dupla tinha um cronômetro marcando o seu tempo e a cada dois minutos saía uma nova dupla, para que não se encontrassem no percurso. Mas mesmo assim reconhecemos que foi uma experiência marcante para os estudantes.

Muitos estudantes ficaram maravilhados com a existência de um espaço como aquele na beirada da rodovia Raposo Tavares. *Estamos ao lado da Raposo e não ouvimos o barulho dos carros! Que beleza.* Já havíamos ido nesse parque outras vezes, mas nunca entramos na mata / trilha, permanecíamos nos espaços mais abertos, e por isso houve esse entusiasmo.

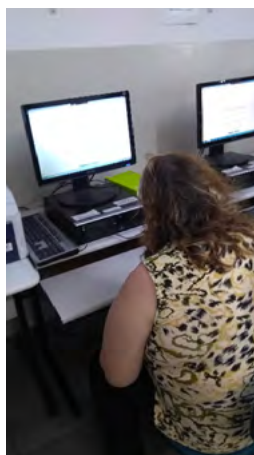
Com a ideia de finalizarmos o trabalho com um registro dos estudantes, o que não fazíamos há alguns trabalhos porque não estávamos conseguindo realizar um registro mais adequado para os estudantes que estão na etapa de alfabetização. Optamos pela atividade no *Google Formulários*. Produzimos o material de uma forma que não havia a necessidade de escrita, apenas de leitura e para as respostas era ne-

cessário apenas clicar nas alternativas. Realizamos as leituras coletivamente e, conforme os estudantes respondiam, nós avançávamos para a próxima questão.

Acreditando que o anonimato traria mais segurança para os estudantes na hora da atividade, não colocamos nenhum campo onde pudessem se identificar, pois a nossa intenção não era de identificar individualmente o que cada estudante havia aprendido, tão pouco transformar aqueles conhecimentos em notas. A ideia era compreender como havia sido aquele percurso de estudo da corrida de orientação. Porém, em algumas turmas os estudantes reivindicaram saber como haviam ido na avaliação, queriam saber se haviam acertado, errado e isso nos fez pensar para um próximo trabalho poderíamos deixar a opção de identificação para quem quisesse, dessa forma o estudante também receberia a sua devolutiva individual.

Para superar essa insatisfação de não saberem como haviam se saído individualmente na atividade, após todos responderem e enviarem os formulários, realizamos uma correção coletiva. Essa atitude nos fez pensar se os estudantes gostariam de saber o seu desempenho pela vontade de saberem o que haviam aprendido, ou por uma pressão escolar, que faz com que as pessoas queiram ser 10, 9, ou outra nota qualquer.


Acreditando na potencialidade dos estudantes com deficiência para realizarem essa atividade, a única flexibilização que fizemos, foi o uso dos “*tablets*” ao invés de ser feito no computador de mesa, pois a dificuldade do uso do *mouse*, é amenizada com o recurso “*touch screen*” e a única necessidade é de fazermos a leitura, assim como para os demais estudantes.



Estudantes realizando os registros no *tablet* e no computador.

As questões presentes no formulário tratavam dos conhecimentos sobre a prática corporal estudada, incluindo história, regras, equipamentos utilizados, características da prática corporal, e algumas questões sobre a relação deles com a prática durante as aulas e o que esperavam ou o que sentiram ao realizar tais práticas.

QUAL O NOME DO OBJETO ABAIXO? \*



CONTADOR DE PASSOS

BÚSSOLA

TRENA

QUAL É O OBJETIVO DA CORRIDA DE ORIENTAÇÃO? \*

PASSAR POR TODOS OS PRISMAS NO MENOR TEMPO POSSÍVEL

CHEGAR PRIMEIRO, SEM PASSAR POR TODOS OS PRISMAS

A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO FOI CRIADA EM QUAL PAÍS? \*

BRASIL

SUÉCIA

ESTADOS UNIDOS

ÁFRICA DO SUL

Algumas questões da avaliação.

**DURANTE AS NOSSAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA REALIZAMOS**

UTILIZAR OS CONTADORES DE PASSOS

MEDIR AS PASSADAS DUPLAS E CONTÁ-LAS DURANTE A CAMINHADA

TENTAR REALIZAR O PERCURSO EM UM DETERMINADO TEMPO

ENCONTRAR OS LOCAIS NO BAIRRO

ENCONTRAR OS LOCAIS NO MAPA

EXPERIMENTAR A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO NA MATA

CONHECER COMO FUNCIONA A BÚSSOLA

CONHECER A HISTÓRIA DO ESPORTE

Questão presente no registro.

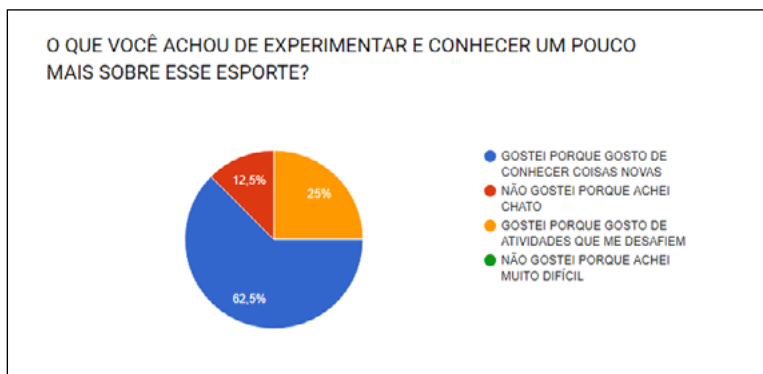


Gráfico mostrando as respostas apresentadas pelos estudantes naquela questão.

Encerrando o trabalho, identificamos aprendizagens, novas experiências e acima de tudo a participação de todos os sujeitos presentes nas turmas, o que vem se configurando como uma tarefa desse componente curricular na escola, pois apesar das diferenças entre os estudantes, reconhecemos o direito de todos participarem das aulas de Educação Física. Sem a preocupação de saber o que cada um individualmente acertou, ao analisarmos os resultados do questionário juntamente com os nossos registros das aulas, as fotos e os vídeos gravados durante as aulas, percebemos que parcerias foram feitas, momentos de descontração aconteceram, alguns conflitos foram superados e os estudantes conheceram uma nova prática corporal. Achamos que a escolha da tematização não foi a melhor opção, por ser distante da realidade dos estudantes, mas mesmo assim eles se interessaram e se envolveram no estudo durante todo o trabalho.

Com relação à tentativa do trabalho coletivo proposto pela escola, ao final, reconhecemos que por ironia do destino, para quem estudou a orientação, nos perdemos durante o percurso. Reconhecemos que não tocamos na discussão da mobilidade urbana, e que não realizamos um trabalho integrado. Salvo em ações onde as professoras nos ajudaram em atividades específicas, não fizemos planejamentos conjuntos e não organizamos atividades interdisciplinares. Não negamos que foi um percurso com muitas aprendizagens, que proporcionou novas experiências aos estudantes e a possibilidade de todos participarem das aulas, porém percebemos que na tentativa de nos alinharmos a um projeto coletivo, e ao olharmos somente para um dos princípios do currículo cultural, que é a aproximação com o projeto da escola, deixamos para trás outras questões. Entendemos que caminhamos no sentido contrário do que o coletivo de professores desejava. Se a ideia

era de realizarmos ações para que as escolhas das tematizações se aproximassem dos interesses e das realidades dos estudantes, nesse trabalho nós seguimos outra direção.

Podemos ter incorrido nesse erro pela tentativa de pegarmos um atalho no início da caminhada. Isso fez com que nos perdêssemos e não conseguíssemos mais retomar o percurso. Não conseguimos ler o nosso mapa, e não encontramos os nossos prismas. Acreditamos que se tivéssemos contado os passos, olhado para os lados talvez não terminássemos o trabalho tão longe da linha de chegada.

Tal qual os nossos estudantes, tivemos dificuldades em entender que o importante não era chegar mais rápido, mas no tempo certo. Caso mapeássemos mais um pouco, caso aguardássemos algumas falas dos estudantes, talvez tivéssemos chegado a outras práticas corporais. Mas assim como nos nossos estudos da corrida de orientação, aprendemos que observar o mapa antes de iniciar se revela uma ação importante para as tomadas de decisão. Para uma próxima atividade contaremos os próximos passos com a intenção de alcançar os objetivos propostos pelo coletivo da escola.